



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

Prevalência de sintomas de depressão em estudantes de medicina em uma universidade de Feira de Santana

Virna Silva Mascarenhas¹; Marjory dos Santos Passos²; Soraia Fernanda Cerqueira Motta³

1. Bolsista – FAPESB, Graduando em Medicina, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

virna22gomesdm@gmail.com

2. Pós graduando - Urologia e Subgrupos, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

marjorypassos@yahoo.com.br

3. Orientador, Departamento de Saúde - DSAU, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sfcmotta@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Depressão; Estudantes de medicina; Saúde Mental

INTRODUÇÃO

A depressão é uma doença comum, crônica e potencialmente com repercussões diretas na qualidade de vida dos indivíduos acometidos por esse transtorno (Stringaris, 2017). Astenia, anedonia, hipersonia são alguns sintomas que caracterizam este transtorno e que acarretam sofrimento e prejuízo social. (APA, 2014)

Os acadêmicos de medicina estão expostos a alguns fatores ambientais durante a graduação, como uma carga horária extenuante e contato com situações de sofrimento e morte, que corrobora para uma maior prevalência de sintomas depressivos, fato já relatado previamente na literatura (Bampi et al, 2013). Ademais, importante relatar que, a pandemia do vírus SARS-Cov-19 no ano de 2020 gerou uma paralisação não apenas das atividades acadêmicas, mas de atividades de lazer e bem-estar e este fato contribuiu para que um sentimento de incerteza quanto a conclusão do curso e retorno das atividades, o que pode ter contribuído para a deterioração da saúde mental destes acadêmicos (Barros et al 2022).

Em 2020, Maia et al ao conduzir um estudo entre os acadêmicos de medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) encontrou que 46,2% apresentam essa sintomatologia (Maia. et al 2020), um índice que é superior ao encontrado na população geral, em torno de 10,2% (Brito et al 2022). Além disso, segundo a Organização Mundial da Saúde, o número de casos de depressão aumentou 25% somente no primeiro ano de pandemia da Covid-19 (WHO, 2022), o que nos leva refletir se esse aumento também teria ocorrido entre os acadêmicos de medicina estudados.

O presente trabalho objetiva descrever a prevalência e incidência de sintomas depressivos nos estudantes do curso de medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana e identificar possíveis fatores associados que tornam este grupo vulnerável ao adoecimento mental.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal realizado entre estudantes do curso de medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Foram incluídos no estudo participantes que estavam devidamente matriculados no curso de medicina da UEFS, de ambos os sexos, maiores de 18 anos e que concordaram em responder o questionário e autorizaram o uso dos dados obtidos para a construção do presente trabalho mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário eletrônico na plataforma *RedCap* que consistia em: uma página inicial contendo o TCLE, um questionário sociodemográfico e para investigar os sintomas depressivos o *Patient Health Questionnaire-9* (PHQ-9), que consiste em 9 perguntas embasadas na presença de cada um dos sintomas depressivos descritos no DMS-V para um episódio depressivo maior e cujo o escore total varia de 0 a 27 pontos (Santos, 2013). Foram considerados como depressivos indivíduos com escore superior a 10 pontos no questionário.

Para análise estatística foi utilizado o programa estatístico computacional *GraphPad Prism*, versão 8.02, *GraphPad Software*, San Diego-CA, USA. Variáveis quantitativas, contínuas ou ordinais foram descritas por suas medidas de tendência central (médias ou medianas) e pelas respectivas medidas de dispersão (desvio padrão, variação interquartil ou valores mínimo e máximo), enquanto as nominais ou qualitativas por seus valores absolutos, percentagens e proporções e as médias das diferenças, *Odds Ratio* ou razão de prevalências foram empregadas como medida da magnitude dos efeitos. Na análise das variáveis foi empregado o modelo de regressão multivariada e foram incluídas no modelo variáveis outras como satisfação com o curso de medicina, sexo e orientação sexual.

Este trabalho faz parte de um projeto matriz que foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS por meio do Parecer nº 4.801.826.

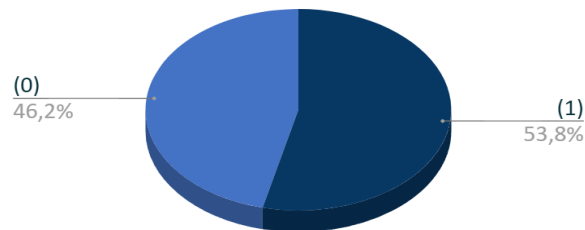
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos incluem uma amostra composta por 93 sujeitos com idade mediana de 21[19-23] anos, 46(49,46%) do sexo feminino e 47 (50,54%) homens, 54 (58,1%) se autodeclararam pretos, 62(66,67%) estavam nos primeiros anos da graduação, 82(88.17%) referiu estar satisfeito com o curso, 70 (75.27%) eram heterossexuais, 53 (56.99%) relataram ter um parceiro fixo e nenhum referiu ter filhos. Quanto aos hábitos de vida dos entrevistados, 79.57% (74) referiram a prática de alguma atividade física, 41.94% (39) referiram consumo de bebida alcoólica, somente 2.15%(2) relataram uso de cigarro e nenhum estudante referiu uso de cigarro eletrônico.

Foi encontrado uma prevalência na amostra de 53,76% de sintomas depressivos, entre moderados a graves (gráfico 01) e foram analisadas, pelo método de regressão multivariada, as variáveis satisfação com o curso de medicina, sexo, orientação sexual, habitação, finanças, atividade física, ano da graduação. Entretanto, somente as variáveis sexo, satisfação com o curso e orientação sexual demonstraram associação com a presença de sintomas depressivo sendo encontrado que entre os indivíduos do sexo feminino existe um maior chance de vir a apresentar sintomas depressivos (OR = 2,54 IC95%[1,0 - 6,4]), do mesmo modo os indivíduos homossexuais e bissexuais (OR =6,14 IC95%[1,9 - 19,7] mais chances de virem a desenvolver sintomas de depressão.

Ademais, estar satisfeito com o curso de medicina sugere como um fator protetivo no modelo (OR = 0,17 IC95%[0,03- 0,91]).

Gráfico 1. Prevalência de sintomas depressivos em acadêmicos de medicina de acordo o escore do PHQ9



Legenda: 0. Acadêmicos com pontuação inferior a 10 pontos; 1. Acadêmicos com pontuação superior ou igual a 10 pontos.

Ao comparar com os resultados obtidos com o trabalho desenvolvido por Maia et. al., desenvolvido de forma similar e na mesma instituição de ensino no ano de 2019, que obteve uma prevalência de 46,2%, é possível notar um aumento de sintomas depressivos entre estudantes de medicina(Maia et al 2020). Estudo semelhante em uma instituição de Goiás obteve uma prevalência de 29,5%, também inferior à encontrada no presente trabalho(Montenegro-Pires et al, 2022). Nestes estudos a ferramenta utilizada foi Inventário de Depressão de Beck (BDI) e a diferença dos instrumentos talvez limite comparações mais precisas. A prevalência encontrada na amostra do presente trabalho também é maior que a prevalência de depressão na população geral brasileira que foi de de cerca de 10,2% segundo a última Pesquisa Nacional de Saúde realizada em 2019, demonstrando uma maior deterioração da saúde mental entre os acadêmicos de medicina (Brito et al 2022).

Entre os participantes, 61 (65,6%) dos entrevistados relataram ter percebido uma piora nas relações sociais após a pandemia global de SARS-Cov-19 que acarretou em inúmeras repercussões socioemocionais devido ao isolamento social, fator limitante das atividades acadêmicas presenciais que ocasionou cenário de incerteza e os desafios do ensino remoto e de atividades de lazer e convívio social que podem ter contribuído para o possível incremento da prevalência dos sintomas depressivos

Há uma maior presença de sintomas depressivos entre as acadêmicas do sexo feminino (Maia et al 2019 tal fato já foi descrito em estudos prévios (Barros et al 2022) e talvez isto decorra dos inúmeros papéis que as mulheres assumem dentro da sociedade moderna, maior cobrança social e a presença de violência de gênero (Alves et al 2020). Outro fator de risco elencado na análise multivariada foi entre indivíduos que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ cujos estudos prévios relatam que homens gays e bissexuais teriam, respectivamente, cerca de 2,38 e 4,22 mais chances de cursar com um episódio depressivo maior ao longo da vida comparado a homens heterossexuais (Chaudhry et al 2019). O papel protetivo da satisfação com o curso, minimizando a ocorrência de sintomas de depressão também tem sustentação na literatura, onde questões negativas relacionadas ao curso de medicina associam-se com maior prevalência de depressão (Barros et. al. 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Resultados demonstram uma alta prevalência de sintomas depressivos entre os acadêmicos de medicina da UEFS, onde 53,76% apresentaram sintomas moderados a graves e enquanto a satisfação foi elencada como um fator de proteção, ser do sexo feminino e ter orientação sexual não heteronormativa sugere um aumento da chance de o indivíduo apresentar sintomas depressivos, o que corrobora com a literatura prévia sobre o tema abordado apesar de ter sido identificado que nossa principal limitação ser o caráter unicêntrico e a relativa limitação amostral que diminuem nossa validade externa.

Consideramos, no entanto, importante o desenvolvimento e implementação de ações voltadas à promoção da saúde mental entre os acadêmicos de medicina a fim de mitigar nessa população os prejuízos individuais e sociais advindos da presença dessa comorbidade ou do risco dessa comorbidade

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. 2014. DSM-V – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 5º ed, p. 156-166.
- ALVES DE SOUSA, M. N. et al. 2020. Correlatos das dimensões de Burnout com características de saúde e demográficas de estudantes de medicina. CES Medicina, v. 34, n. 1, p. 27-39.
- BAMPI, L. N. DA S. et al. abr. 2013. Qualidade de vida de estudantes de medicina da Universidade de Brasília. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 37, n. 2, p. 217–225.
- BARROS, G. F. O. et al.. 2022. Fatores associados a ansiedade, depressão e estresse em estudantes de Medicina na pandemia da Covid-19. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 46, n. 4, p. e135.
- BRITO, V. C. de A. et al.. 2022. Prevalência de depressão autorreferida no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 e 2013. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 31, p. e2021384.
- CHAUDHRY, A. B.; REISNER, Sari L. 2019. Disparities by sexual orientation persist for major depressive episode and substance abuse or dependence: findings from a national probability study of adults in the United States. LGBT health, v. 6, n. 5, p. 261-266.
- MAIA, B. R.; et al. 2020. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. Estudos de psicologia (Campinas), v. 37.
- MAIA, H. A. A. DA S. et al.. 2020. Prevalência de Sintomas Depressivos em Estudantes de Medicina com Currículo de Aprendizagem Baseada em Problemas. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 44, n. 3, p. e105.
- SANTOS, I. S. et al.. 2013. Sensibilidade e especificidade do Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9) entre adultos da população geral. Cadernos de Saúde Pública, v. 29, n. 8, p. 1533–1543, ago.
- STRINGARIS, A. 2017. Editorial: What is depression?. J Child Psychol Psychiatr, 58: 1287-1289. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12844>
- WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. 2022. World mental health report: transforming mental health for all.